

FOTOGRAFAR, OLHAR  
E CRIAR HISTÓRIAS DO COTIDIANO.

ENTREVISTA COM A PROFESSORA  
ALISOLETTE WEINGARTNER

**Edvaldo Correa Sotana**

Professor Adjunto do curso de História do Campus de Aquidauana da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e coordenador do Laboratório de Estudos da Imagem, Imprensa e Som (LEIS). Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP/Assis).  
e-mail.: sotana.ufms@gmail.com

SOTANA, Edvaldo Correa. Fotografar, olhar e criar histórias do cotidiano. Entrevista com a professora Alisolete Weingartner. *albuquerque* – revista de história. vol. 8, n. 15. jan.-jun./2016, p. 229-239.

Docente aposentada da Rede Estadual de Ensino e da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), atualmente Alisolete Antônia dos Santos Weingartner atua como associada efetiva no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGB-MS) e desenvolve pesquisa sobre a História de Mato Grosso do Sul. Inclusive, há muito estuda o tema. Em 1993, apresentou seu mestrado em história sobre o *Movimento Divisionista*<sup>1</sup> na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul. Já no doutorado, defendeu tese acerca dos Operários nas Indústrias da Construção Civil, na Universidade Estadual Paulista, Campus de Franca. Em meados de dezembro, a professora nos recebeu em seu apartamento, em Campo Grande, para conceder a entrevista abaixo. Numa conversa extremamente agradável de aproximadamente uma hora, ressaltou que o historiador deve “conhecer o seu lugar, se sentir pertencente” a comunidade e “enxergar” o que os outros não vêem. Ciente da carência de arquivos e centros de documentação no Estado, a pesquisadora conversou sobre influências e abordou o livro que lançará em breve. Intitulado “**Mato Grosso do Sul: a construção de um Estado**” e com previsão para ser publicado em 2017, o trabalho visa um público mais amplo, pois foi redigido sem a pretensão de “produzir uma tese de doutorado” ou “trabalho científico para poucos iluminados”. Apaixonada pelo *Movimento Divisionista*, Weingartner também revelou seu entusiasmo por fotografia: “Outra paixão que eu tenho que pode ser interessante para o historiador em particular e o professor no geral: é fotografar o cotidiano e criar histórias do cotidiano! Fotografar, olhar e criar histórias do cotidiano.” E você, leitor, é nosso convidado para conferir este e outros trechos da entrevista!!!



acervo pessoal de Alisolete Weingartner

<sup>1</sup> Seu trabalho visou estudar o movimento divisionista no sul de Mato Grosso, no período de 1889-1930. WEINGARTNER, Alisolete Antônia dos Santos. *Movimento divisionista no Mato Grosso do Sul*. Porto Alegre: Edições Est, 1995.

**E**dvaldo Correa Sotana – Para começarmos, como surgiu sua paixão por história?

**A**lisolete Antônia dos Santos Weingartner – Bom, eu sou graduada em História. Mas muito antes de eu me graduar em História, eu já era professora de História. Desde meus tempos no antigo ginásio, eu estudei com um professor chamado Luiz Cavalon, que era uma enciclopédia. E desde aquele tempo, eu fui me apaixonando por História.

**ECS** – E o início no magistério?

**AW** – Iniciei no magistério em 09 de abril de 1956 como alfabetizadora e, também, como professora do exame de admissão. E, nesse sentido, tive que estudar bastante história e geografia pra que eu pudesse dar um suporte aqueles meninos. Eu ainda não havia concluído o magistério, mas comecei a lecionar história desde 1956. Então, essa paixão foi ao longo da carreira. E quando a UCDB abriu o vestibular para a primeira turma do curso de história, eu preparei alguns colegas. Mas eu não pude fazer o vestibular em primeira chamada porque eu não tinha como pagar (pausa) a inscrição. E os colegas, sabendo disso, fizeram uma vaquinha. E eu fiz e passei! A partir daí, eu fui aprimorando os meus conhecimentos em história. Entre 1956 e 1971, eu fiz o curso da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), um curso que o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPQ) dava para professores que só tinham o magistério, capacitando-os para lecionar no antigo ginásio – hoje Ensino Fundamental – e também hoje Ensino Médio que antigamente era o científico né! Entre 1953 e 1971, eu comecei a aprimorar os meus conhecimentos em história. E quando eu conclui a Faculdade, o Pe. Walter (Walter Bocchi) escreveu para fazer a seleção do PREPS para fazer a pós-graduação, nível de especialização. Durante a graduação e a especialização, eu tive contato com grandes mestres da época (...) Entre eles, Bresser Pereira, Álvaro José, Déa Fenelon, Hilário Franco Junior (...). Então eu tive essa descoberta. Aqui, na graduação, era muito mais você ler o texto; não

produz! E este contato com a pesquisa que eu comecei na pós-graduação abriu bem o horizonte. Com a descoberta de como organizar uma pesquisa, produzir um texto – produzir um texto meu e não copia e cola – isso fez eu me apaixonar cada vez mais por história de Mato Grosso do Sul. De 1956 até 1975, quando eu concluí o curso de graduação em História, eu era apaixonada, mas fiquei ainda mais apaixonada quando descobri os meandros, os detalhes da pesquisa...

**ECS** – Gostaria que a senhora falasse das influências que recebeu (professores, leituras e/ou atividades fundamentais)

**AW** – As leituras, principalmente durante a graduação, por influência do padre Walter, eu li autores brasileiros como Hilário Franco Junior, porque eu acabei indo trabalhar com História Medieval. Li Jacques Le Goff e George Duby, esses autores da *Escola dos Annales*. E eu falo com muita frequência: eu não sou marxista, eu sou humanista; mas eu não nego a importância do Marx no estudo da história.

**ECS** – Como surgiu a ideia de pesquisar o *Movimento Divisionista*?

**AW** – Ainda como professora do primeiro e segundo graus como falamos hoje, agente não tinha nenhum compêndio e nenhum artigo que falasse sobre a história de Mato Grosso do Sul. Sempre era Virgílio Correa que era o papa da historiografia matogrossense. Mas não tinha nada. Então, eu sempre quis estudar. E eu sempre buscava uma fonte viva que era Dr. Paulo Coelho Machado; ele me emprestou algumas vezes alguns jornais, isso muito antes de eu fazer a minha pesquisa sobre o *Movimento Divisionista*. E quando eu fui fazer o mestrado, lá eles queriam que eu falasse algum tema que envolvesse a história medieval (...) E eu pensei: história medieval já temos muitos trabalhos e eu não vou ter competência para fazer um trabalho de história medieval, mas eu quero história do Mato Grosso do Sul. Então, aí eu comecei a trabalhar sobre essa questão da história de Mato Grosso do Sul. Inicialmente, eu

queria mostrar os dois lados, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Mas aí não foi possível. E essa paixão pelo divisionismo vem desde a minha juventude. Nós já tínhamos consciência e os jornais sempre mostravam que o hoje Estado de Mato Grosso do Sul, desde 1927, contribuía com mais de 75% da arrecadação total do velho Mato Grosso. E agente não tinha investimento em infra-estrutura aqui que dinamizasse a nossa economia e tudo mais. E também o que agente via? As elites cuiabanas acabaram mudando o domicílio delas pra Campo Grande pra buscar controlar esse eleitorado, por que nós éramos o maior colégio eleitoral. Campo Grande sempre foi maior colégio eleitoral do que Cuiabá. E com as outras cidades menores do hoje Mato Grosso do Sul, o sul era o maior colégio eleitoral e era a maior fonte de fornecimento de arrecadação para o Estado. Enquanto pessoa eu não tinha o conhecimento que eu tenho hoje, mas o meu pai, aquele homem simples, aquele caboclo, tropeiro, ele tinha essa consciência. Ele não tinha grandes estudos, mas ele tinha essa consciência política da importância da emancipação do Estado. Então, esse *movimento divisionista* não teve um programa, mas tava no cultural, no inconsciente daquela sociedade. E foi dentro dessa tradição cultural que foi amadurecendo meu olhar. E, em 1971, quando eu fui estudar história, eu queria escrever alguma coisa. Apareceram alguns textos, mas guiados pelo governo de Cuiabá. Assim, a historiografia era contada a partir de um olhar de Cuiabá pra cá. E isso eu não concordava!

**ECS** – E a senhora queria contar a partir da perspectiva daqui?

**AW** – Sim! Mas naquela época eu não tinha ainda esse conhecimento de pesquisa que descobri com o curso de especialização. Comecei a sistematizar os dados e realizar levantamentos e tudo mais. Ao longo disso, quando eu estava escrevendo o livro *Movimento Divisionista*<sup>2</sup>, eu tive várias conversas com o Dr.º Paulo Coelho Machado e

<sup>2</sup> O livro foi publicado na década de 1990. Cf. WEINGARTNER, Alisolette Antônia dos Santos. Op. cit., 1995.

outras pessoas que hoje já não estão mais entre nós. [Eles] me ajudaram com revistas e jornais que estavam em arquivos particulares, pois nós não tínhamos um arquivo aqui que pudesse mostrar essas raízes.

**ECS** – Com relação aos Arquivos e Centros de Documentação, há muito para avançarmos em Mato Grosso do Sul?

**AW** – O que agente tem ainda é insuficiente para você fazer algumas análises. Quando eu comecei a fazer o trabalho sobre o *Movimento Divisionista*, eu fui buscar lá nas raízes. E o que agente tem? Mato Grosso do Sul sofreu duas frentes de conquistas: a espanhola e a portuguesa. Por um lado, nas nossas universidades nós já temos isso. Por outro lado, tem uma parte dessa conquista espanhola que nós não conhecemos. O melhor trabalho que agente tem sobre a presença espanhola aqui no nosso Estado é o da Gadelha, livro que apresentava várias pistas que nós ainda não paramos para esmiuçar.<sup>3</sup>

**ECS** – Em dado momento a senhora disse que a ideia inicial da pesquisa consistia em estudar o *Movimento Divisionista* tanto no lado sul quanto no norte do então Estado de Mato Grosso. Por quais motivos a ideia não foi levada adiante?

**AW** – O trabalho ficou muito amplo... Eu estava aprofundando muito mais na parte espanhola e a parte portuguesa estava muito incipiente. E para eu aprofundar ambas – o movimento na perspectiva do sul e do norte – levaria mais tempo. E agente tinha prazo, né!

---

3 GADELHA, Regina Maria A. F. *As missões jesuíticas do Itatim: estruturas sócio-econômicas do Paraguai Colonial, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

**ECS** – Se olharmos o seu estudo e os estudos posteriores sobre o *Movimento Divisionista*<sup>4</sup>, quais lacunas podem ser apontadas para quem deseja estudar o tema?

**AW** – Eu acho que todas! No meu livro eu abordei de 1889 até 1930. E abordei mais as “revoluções” coronelistas, a mudança de poder, a Companhia Mate Laranjeira e o monopólio exercido. E de 1930 até 1945, período de Getúlio Vargas, eu acho riquíssimo com outros aspectos do *Movimento Divisionista*. E é uma coisa que falo no começo do meu trabalho: no início ele não tem um programa; a ideia da emancipação da região surgiu muitas vezes vinculada com os interesses do coronel que controlava determinada região. Este é um aspecto cultural importantíssimo. Por que essa ideia ficava vinculada ao interesse do coronel? Esse nó precisa ser mais discutido, olhando para vários aspectos, como cultural, político, social... E de 1930 a 1945, Getúlio Vargas – e eu sou apaixonada por este momento, pois tem muita coisa que ainda precisa ser esmiuçada – avança na urbanização. E Vargas assina vários decretos, entre eles o decreto que facilita a criação de núcleos coloniais – por querer ocupar o oeste. E de 1930 em diante, novos colonos e novas mentalidades vão se estruturando. Mas tem um detalhe! Em 1930 alguns fazendeiros do sul se aliaram as elites do Rio Grande do Sul para apoiar Getúlio com a promessa de emancipação da região. Mas Vargas tinha um olhar arguto para criar os Núcleos Coloniais, quebrando o monopólio da Mate Laranjeira. E aí você tem em 1932 as elites sul-mato-grossenses se aliando as elites de São Paulo. Nesse momento já começa a ter um programa, defendendo a emancipação. Mas, como sabemos, a ideia foi derrotada. Mesmo assim, tem uma campanha com

---

4 Para os leitores interessados, temos consistentes estudos sobre o movimento divisionista, a divisão do Estado de Mato Grosso e/ou a criação de Mato Grosso do Sul. Dentre tais trabalhos, destacamos: BITTAR, Marisa. Mato Grosso do Sul, a construção de um estado: regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso. Vol. 1. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2009, BITTAR, Marisa. Mato Grosso do Sul, a construção de um estado: poder político e elites dirigentes sul-mato-grossenses. Vol. 2. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2009 e QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio). *Diálogos*, v. 10, n. 02, p. 149-184, 2006. Disponível em: <[http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=105&path%5B%5D=pdf\\_87](http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=105&path%5B%5D=pdf_87)>. Acesso em: 05 mar. 2014.

abaixo-assinado defendendo a criação do Estado que foi enviado para a Assembléia. Então, esses detalhes de 1930 a 1945 precisam ser esmiuçados.

**ECS** – E podemos pensar na escolha de Julio Muller (1937-1945) para a função de interventor – considerando o papel desempenhado por Filinto Muller no governo Vargas – como uma tentativa de frear o *Movimento Divisionista*?

**AW** – Tem uma pergunta que faço com muita frequência, mas que não tenho resposta: Só depois que Filinto Muller faleceu que os militares colocaram como problema a re-divisão territorial de Mato Grosso? Por que, em 1969, eles vieram fazer um estudo dessa região: o Geisel e o Golbery do Couto e Silva?

**ECS** – Se pensarmos a divisão do Estado durante o regime militar, falta abordar ainda o papel da imprensa e de outros agentes políticos?

**AW** – Falta! E eu acho que poderíamos estudar muita coisa. Pelo seguinte: agente não vai encontrar algumas publicações, por que não podia haver publicação contrária. Em história, trabalhamos com fragmentos. E escritos, cartas, discursos no senado, discursos na câmara, dentre outros, podem auxiliar. Como testemunha viva, falo que esse período foi muito obscuro. Nós, a população, não tínhamos esse acesso. E agente tinha medo! Como professora e como cidadã, tinha medo de abrir a boca. Nós vimos muitos colegas “anoitecer e não amanhecer”. Então, esse período precisa ser estudado.

**ECS** – Sobre o projeto “Mato Grosso do Sul – A construção de um Estado”, como foi desenvolvido? Gostaria que a senhora falasse sobre a pesquisa, o relatório de pesquisa e o livro que deverá ser publicado em breve.



**A W** – Como falamos no início dessa entrevista, aquele desejo que sempre tive de produzir um compêndio para as escolas de Mato Grosso do Sul que pudesse despertar interesse nos alunos e professores pela história do Estado. Em 2008, apresentei um projeto para fazer o levantamento documental e fotográfico para este trabalho. Apresentei no edital do Fundo de Investimentos Culturais (FIC) de 2008. E ele foi aprovado. Iniciei a pesquisa em julho de 2008. Viajei por todo Estado. Fotografei e fiz o levantamento documental. Chegava nas prefeituras e entrevistava tanto as autoridades quanto as pessoas comuns. Nesse levantamento, tive o auxílio do meu filho (Gutemberg), do meu genro (Rivail) e da minha filha (Vânia). Então, foi um trabalho de pesquisa com ajuda da família. Feito isso, dei conta do relatório. Depois, comecei a escrever um livro. Ao longo da caminhada eu tive alguns percalços de ordem pessoal. Parei. Voltei. Parei e voltei. Em 2010, retomei a escrita do trabalho e ainda faltava material. Daí voltei a viajar; agora sem apoio financeiro. Tudo correu as minhas custas. Também tive a colaboração de pessoas comuns e autoridades das cidades que mandavam documentos e relatos. Após as viagens, comecei a escrever. E só concluí a escrita em 2013, outubro de 2013. Quando foi em janeiro de 2014, inscrevi o trabalho do FIC. Mas não fui aprovada. (...) Em 2016 tentei novamente. De 2013 até 2016, andei reestruturando o trabalho, organizando as imagens; tenho um arquivo considerável de mais de 15 mil imagens. Quando saiu o resultado do FIC, em agosto de 2016, ele foi recusado. (...) Agora, o governo do Estado vai publicar como uma das ações em comemoração aos 40 anos da criação do Estado. O trabalho inicial que tinha quase 550 páginas, ficou com aproximadamente 400 páginas. Das 15 mil fotos, deixei 1675. No entanto, esse número vai abaixar ainda mais. No trabalho, eu falo dos 79 municípios de Mato Grosso do Sul, sem aprofundar muito.

**E C S** – E como é a estrutura do livro?

**A W** – Ele é dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, eu falo da conquista e colonização espanhola. No segundo capítulo, eu trato da conquista e colonização portuguesa, culminando com o período da República e início do *Movimento Divisionista*. E o terceiro capítulo eu adotei, apenas como efeito didático, as regiões administrativas de acordo com a Secretaria de Planejamento do Estado. E de acordo com a divisão por regiões, eu vou mostrando a história de cada município. Para eu chegar na estrutura final, eu passei por várias etapas. Primeiro eu queria escrever a partir de Corumbá, mas não estava dando certo. Ai fui para meso-regiões. Também não deu certo. Depois disso, adotei as regiões de acordo com a Secretaria de Planejamento. Com isso, ficou mais didático. E o meu objetivo não é produzir uma tese de doutorado. Não é um trabalho científico só para poucos iluminados lerem. É para o povão ler. É para o aluno ler. É para o professor, a partir dali, criar outros projetos gerando conhecimento sobre o município. Este foi o meu foco. (...) Mas eu nunca desvinculo a história local, da história nacional e do sistema global que estamos vivendo hoje. Nessa linha de raciocínio que eu coloquei o texto.

**ECS** – Ao longo da sua carreira, a senhora teve uma atuação muito intensa e diversificada. Se pudesse conversar com os estudantes de história, em quais lutas a senhora diria que é fundamental a participação do historiador atualmente?

**A W** – Em todas as nossas ações do cotidiano. O historiador tem que conhecer o seu lugar, se sentir pertencente àquele lugar. Ele tem que defender aquilo que vai ficar de herança. (...) E ao longo da minha carreira como professora, fui membro da Associação Campo-grandense de Professores (ACP), na época da mais dura ditadura. Então, o historiador tem que estar atento, tem que ter o olhar arguto dos fatos, saber estabelecer as diferenças. Você tem que enxergar onde ninguém está vendo. É esse o papel do historiador. Organizar uma biblioteca, incentivar a leitura, participar de um arquivo, fazer um centro de documentação, estimular a criançada a estudar e enxergar

o porquê na história. Professor é a melhor profissão que existe para agente reestruturar essa sociedade. E o papel do historiador é fundamental.

**ECS** – E o ensino de história é fundamental, né?!

**AW** – Sim! Vamos ocupar espaços como historiadores, iniciar projetos, resgatar história de vida, do seu bairro e da sua cidade. Assim você está aprendendo, estudando e ensinando. Um curso de história nós dá a titulação e as ferramentas. Cabe a nós, no entanto, utilizar.

**ECS** – A senhora gostaria de deixar uma mensagem final?

**AW** – Outra paixão que eu tenho que pode ser interessante para o historiador em particular e o professor no geral: é fotografar o cotidiano e criar histórias do cotidiano! Fotografar, olhar e criar histórias do cotidiano. Criar crônicas, criar textos. E o professor pode trabalhar isso com o aluno.

**ECS** - Muito obrigado pela disponibilidade e pela agradável conversa professora.

**AW** – Eu quem fico agradecida!



acervo pessoal de Alisolette Weingartner